

Bruno Ferreira

Vale da Estranheza [2022]

Gesso, poliuretano, resina,
corrente de aço, água, chá verde,
açúcar, cultura simbiótica de
fungos e bactérias
210 x 180 x 90 cm

O Grande Salto [2022]

Resina, massa plástica e tinta
acrílica
20 x 25 x 15 cm

Fumaceiro [2021]

Poliuretano, massa plástica,
resina cromada e umidificador
170 x 50 x 50 cm

Marc do Nascimento

A Montanha Pulverizada para John Mawe 2 (da série Terra Incógnita) [2022]

aço, alumínio, vinil, lâmpadas,
sistema elétrico
180 x 305 x 15 cm

A Montanha Pulverizada 1, 2 e 3 (da série Terra Incógnita) [2020]

gravação em alumínio, aço,
esmalte sintético, silicone.
31 x 31 cm cada

25m é um espaço independente dedicado a
experimentações no campo da arte contemporânea.

O projeto ocupa uma sala de 25 metros quadrados na
Galeria Metrópole, complexo comercial de relevância
histórica, localizado no centro de São Paulo.

No ciclo de 2022, cada artista convidado(a) estende o
convite a uma segunda pessoa, com quem estabelece um
diálogo através de sua intervenção.

O espaço privilegia projetos coletivos, de caráter
experimental, que promovem a interlocução entre agentes
culturais diversos, bem como com o público geral que
habita e transita pela região.

Apoie:

25msaladeprojetos@gmail.com
instagram.com/25msaladeprojetos

Av. São Luís, 187 Sala 25 Piso 2 - República
São Paulo/SP - Brasil

**BRUNO + MARC DO
FERREIRA NASCIMENTO**

curadoria **CHICO SOLL**

21.mai - 04.jun

*materes
volans*



Do segundo andar, pela sacada da Galeria Metrópole, vejo esparsas copas de árvores e os prédios ao fundo denunciam a falta de um horizonte. Se eu pego meu celular e abro o instagram, meu dedo desliza pela interface e toca outras paisagens compartilhadas. Em alguns milhares de anos, sendo otimista, quando a paisagem urbana de São Paulo estiver reduzida a ruínas, talvez seja possível ver, a noroeste daqui, o que ainda restaria do Pico do Jaraguá, como outrora já fora visto. Essa natureza que mistura concreto e mata-atlântica é a única que conheço. Das outras, puras, intocadas, virgens: só li nos livros ou assisti em programas de TV, mediadas por telas, interpretadas por dados que fingem não tomar uma posição. É a partir do entendimento dessa paisagem estratificada pelo acúmulo de materialidades, organicidades e inogarnicidades, dados científicos e especulações empíricas, que “Materes Volans” se apresenta. O neologismo que dá nome a exposição aponta para um lugar volátil entre materialidades; uma representação de uma natureza que passa pela digitalização, pela coleta de dados e pelo que resta como imagem depois disso tudo. A articulação entre os trabalhos dos artistas Bruno Ferreira e Marc do Nascimento é posicionada no meio da sedimentação que forma essa noção sócio-construída de natureza - que engloba tanto a geosfera quanto a biosfera, a antroposfera e a tecnosfera.

Bruno especula sobre um futuro pré-humano: as culturas de bactérias que formaram a atmosfera são profecias de que o fim não é a única saída.

Em “Vale da Estranheza”, a paisagem-pélvis artificial se propõe a abrigar uma espécie de proto-sopa-primordial, onde a atmosfera propícia à vida teria sido criada. O termo que dá título ao trabalho se refere a uma teoria estética que relaciona a resposta emocional que temos à humanização de objetos tecnológicos. O “Vale da Estranheza” seria expresso, graficamente, no momento em que a semelhança deixa de ser positiva e passa a trazer desconforto. A paisagem, aqui de gesso, resina e água, é tanto a representação gráfica desses dados quanto objeto. A vida, expressa no Scoby - gosma simbiótica de fungos e bactérias - se posiciona no centro desse vale, talvez sem conseguir entender a inogarnicidade dos materiais que a circundam.

Esse vale-objeto-gráfico de Bruno Ferreira poderia também estar manifesto em mapa topográfico, tal qual o pico do Jaraguá se mostra no trabalho de Marc do Nascimento. O desenho-dado da instalação “Montanha pulverizada para John Mawe 2 (da série Terra Incógnita)” é paisagem-interface que interpreta os dados de altitude do relevo do monumento que, em outros tempos, se destacava no horizonte de São Paulo. O desenho topográfico se esforça para demonstrar uma imparcialidade, mas esconde por entre as camadas das linhas de altitude que o pico do Jaraguá certa vez foi apenas montanha, outra foi sinônimo de mineração de ouro e hoje abriga torres de transmissão de TV. Há sempre algo que permanece, ainda quando o sentido seja alterado e, mesmo na procura por algo duradouro, é difícil encontrar uma

constante. Através da interface dos dados, da digitalização dessa ficção do que é-foi-será o Pico do Jaraguá, Marc elabora uma imagem que chama de espectral, atravessada pela interface técnica dos softwares.

Não há como deixar de pensar sobre futuro e sobre como vivenciaremos esse futuro. É inegável que vivemos o antropoceno, era da marca irreparável da presença humana na terra. O que há de restar aqui depois de nós? As bactérias, fungos e montanhas já nos antecederam e irão nos suceder. Será que o prolongamento dos polegares opositores, catalizados pelo uso dos dispositivos móveis, nos ajudará a sobreviver? Os dados que inventamos, catalogamos e carregamos em databases sobre tudo, dão conta de representar o mundo? Essas não são perguntas para as quais se tenham respostas definitivas, podemos apenas teorizar e elaborar futuros distantes que serão vivenciados apenas pelo o quê sobreviver. Até lá, sigo tomando smoothies tingidos de azul e verde pela Espirulina, na promessa de saúde e conexão com a bactéria que um dia ajudou a formar a vida.

Chico Soll
Maio/2022